

The background of the cover is a photograph of an archaeological excavation site. It shows a grid of thin white lines on a dark, sandy ground. Numerous stones of various sizes and shapes are scattered across the site, some appearing to be part of a larger structure or arrangement. The lighting is bright, casting shadows on the sand.

# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses  
Volume 70

---

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL  
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**70**

Ano de Edição

**2020**

Ano Associativo AAP

**2018**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e Andrea Martins**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia da capa

**Estrutura pétreia de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

## **PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS**

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaçando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglacial na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

## **ARTIGOS**

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente  
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)  
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem  
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa  
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica  
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores  
José Luís Neto

## **RELATÓRIOS**

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018  
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2018  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# A BATALHA DO VIMEIRO NUMA PERSPETIVA ARQUEOLÓGICA

---

Rui Ribolhos Filipe

Arqueólogo – Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) – FCSH/UNL / rui.ribolhos@gmail.com

## **Resumo**

Este artigo resume os trabalhos arqueológicos realizados em 2014/2015 no Campo de Batalha do Vimeiro (21 de Agosto de 1808), ação travada entre tropas Luso-Britânicas e Napoleónicas durante a Guerra Peninsular (1807-1814). Visou, para além da identificação específica do local do Combate da Colina do Vimeiro, resgatar arqueologicamente a informação possível acerca do mesmo. O resultado das sondagens, a recolha de um conjunto de artefactos, seu estudo quanto à função, nacionalidade e localização no espaço, confrontadas com as fontes históricas e topografia do terreno, permitiram desenvolver uma proposta mais realista do acontecimento.

**Palavras-chave:** Arqueologia Militar, Sondagem, Vimeiro, Projéteis, Botões.

## **Abstract**

This article resumes the archaeological field work during 2014-2015 at the Battlefield of Vimeiro (21<sup>st</sup> August 1808), battle that opposed the British and Portuguese Army against the Napoleonic forces during the Peninsular War (1807-1814). Its focus, in addition of locating the specific place where the action at Vimeiro Hill happened, was the recovery of archaeological data. The survey results, the recovery of battle related artefacts, the study about their function, nationality and location in area, related with the historical data and local topography, allowed to develop a more real vision of the events.

**Keywords:** Battlefield Archaeology, Survey, Vimeiro, Projectiles, Buttons.

## 1. INTRODUÇÃO

Durante o ano de 2014 procedeu-se a uma intervenção arqueológica no campo de Batalha do Vimeiro, Lourinhã. Os trabalhos, dirigidos por F. E. Rodrigues Ferreira (1943-2014) continuados por Rui Ribolhos Filipe (IAP-FCSH-UNL) e Conceição Rodrigues Ferreira (AAP), foram constituídos por sondagens geofísicas, tendo como objetivos, determinar a localização do local deste importante acontecimento da Guerra Peninsular (1807-1814), bem como, através do estudo dos dados/espólio recolhidos, compreender a dinâmica dos acontecimentos.

Esta batalha reveste-se de grande importância por vários fatores: primeiro, tratou-se da primeira grande vitória do exército aliado Anglo-Luso, sob o comando de Sir Arthur Wellesley, futuro Duque de Wellington, contra o exército Napoleónico<sup>1</sup>. Segundo, serviu ao Duque como teste de táticas militares eficazes contra a bem “oleada” máquina de guerra francesa: linhas defensivas bem treinadas em contra costa, o uso da carabina Baker<sup>2</sup> por atiradores especiais e o uso do projétil explosivo denominado por granada *Shrapnel*. Lição que fará uso em diversas batalhas e contra a qual os Franceses não encontraram resposta tática.

Por último, é esta vitória crucial que o levará a assumir o comando dos exércitos aliados, até à derrota final de Napoleão em Waterloo (1815).

A 21 de Agosto de 1808 as tropas Luso-Britânicas estacionadas no Vimeiro<sup>3</sup> foram atacadas pelo General Jean-Andoche Junot. Após o Combate da Rolíça, a 17 de Agosto, o General Francês manobrando a partir de Torres Vedras, marchou com 13.000 homens ao encontro dos aliados, de modo a travar uma batalha decisiva. Assumindo posições defen-

sivas e aproveitando a geografia do terreno, os Britânicos em número de 19.000 homens, sustiveram vários ataques Franceses.

Após o desgaste das tropas atacantes, Sir Arthur Wellesley ordenou ações de contra ataque, conseguindo vencer os Franceses em todas as frentes, infligindo-lhes grandes baixas e capturando grande parte das peças de Artilharia. A vitória não foi totalmente explorada, devido a mudanças no comando aliado, permitindo a retirada dos Franceses com todas as consequências refletidas mais tarde, na Convenção de Sintra.

## 2. EM BUSCA DO CAMPO DE BATALHA, ONDE ESCAVAR?

Os trabalhos iniciaram-se com o estudo em gabinete, das várias fontes disponíveis, com a recolha de documentação histórica<sup>4</sup> como diários, relatórios e memórias. Beneficiou-se da enorme produção documental realizada por testemunhas oculares, das várias nações envolvidas. Outras fontes foram igualmente consideradas, como a cartografia, a geografia, os achados fortuitos, prestando-se também atenção à toponímia<sup>5</sup> e ao património imaterial (histórias e folclore local), com interessantes resultados.

Neste campo foram recolhidos topónimos que sugeriam alguma memória/relação com a batalha: *Lagoa de Sangue*, local que segundo a tradição o “a quantidade de sangue era tal que passava os cascos dos cavalos”, o *Pinhal Trombeta*, onde “os Franceses tocaram as trombetas para iniciar o ataque” e o *Alto do Cutelo*. De salientar também algumas histórias contadas pelos mais velhos, onde se misturam o período das Invasões Francesas e a Primeira Grande Guerra<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Sendo decisiva para a expulsão do exército do General Junot, em Portugal desde 1807.

<sup>2</sup> A única arma em batalha de cano estriado, permitindo ao projétil percorrer o dobro da distância da espingarda convencional, bem como com maior precisão.

<sup>3</sup> Protegendo o desembarque de reforços em Porto Novo, Maceira.

<sup>4</sup> Com uma leitura crítica face a vencedores e vencidos: *a história é escrita pelos vencedores*.

<sup>5</sup> Por exemplo, o local selecionado para a investigação tinha o sugestivo topónimo local de *Alto do Cutelo*.

<sup>6</sup> Alguns dos habitantes participaram na Grande Guerra trazendo histórias, razão pela qual nas descrições populares surgiram “ninhos de metralhadoras” e mesmo trincheiras enlameadas.

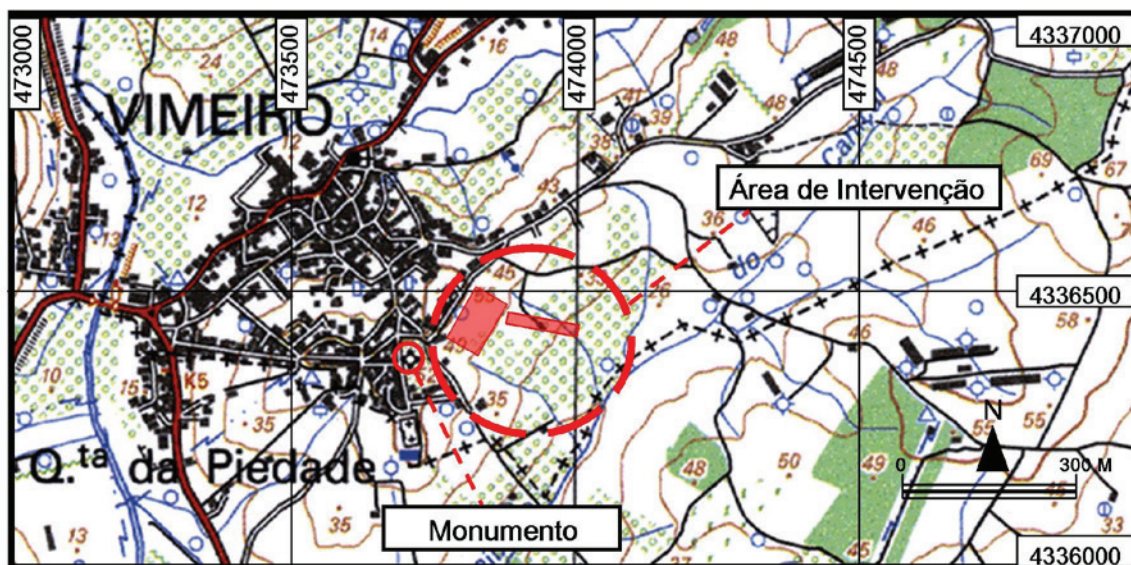


Figura 1 – Localização da área de intervenção. Pormenor da Carta militar 361.

Com base nas fontes mencionadas, constatou-se uma primeira problemática – a vastidão da área considerada como de campo de batalha. Foram identificadas três áreas principais, locais de choque entre os exércitos (Colina, Adro da Igreja e Ventosa) mas também outras onde se travaram escaramuças, onde se estabeleceram Quartéis-generais, acampamentos, parques logísticos, etc.

Foi determinada a escolha de uma área que permitisse, em nosso entender, uma amostra que responde-se aos objetivos propostos. Deste modo foi selecionada a área na encosta a *Este* da colina do Vimieiro (Figura 1), perto do monumento do primeiro centenário. Com base nas fontes, corresponderia de grosso modo, à principal linha de defesa Britânica (flanco direito) organizada por Sir Arthur Wellesley e atacada pelos Franceses de Junot. Deu-se primazia à leitura da informação histórica dos acontecimentos ali ocorridos, ou seja procurou-se focar a atenção nas descrições históricas da parte de figuras presentes no local<sup>7</sup>.

\_\_\_\_\_

<sup>7</sup> Tendo em conta sempre a visão geral da batalha.

### 3. A METODOLOGIA DA BATTLEFIELD ARCHAEOLOGY

Os trabalhos iniciaram-se nos finais de Outubro de 2014, após obtidas as respetivas autorizações da DGPC, bem como dos proprietários dos terrenos. A área de intervenção foi delimitada por dois transeptos, ÁREA 1 e ÁREA 2 (Figura 2), com um quadrícula de 20m x 20m. A ÁREA 1 com uma dimensão de 60m x 100m (6000m<sup>2</sup>) e a ÁREA 2 com 20m x 120m (2400m<sup>2</sup>).

A escolha das áreas baseou-se em dois fatores fundamentais: a procura da linha defensiva Britânica, zona de choque com a vanguarda Francesa na ÁREA 1 (seguindo paralela à hoje Rua da Vitória) e na ÁREA 2, procurou-se identificar as dinâmicas de progressão/retirada das tropas Francesas na encosta da colina.

Recorrer a uma área de amostra tão vasta parece uma proposta hercúlea para uma escavação convencional, mas não para o objeto de estudo em questão. De facto os campos de batalha da Idade Moderna tendem a cobrir enormes áreas de terreno devido às táticas da época e ao grande número de combatentes presentes. Esta situação leva a um cenário arqueológico de grande dispersão de artefactos em

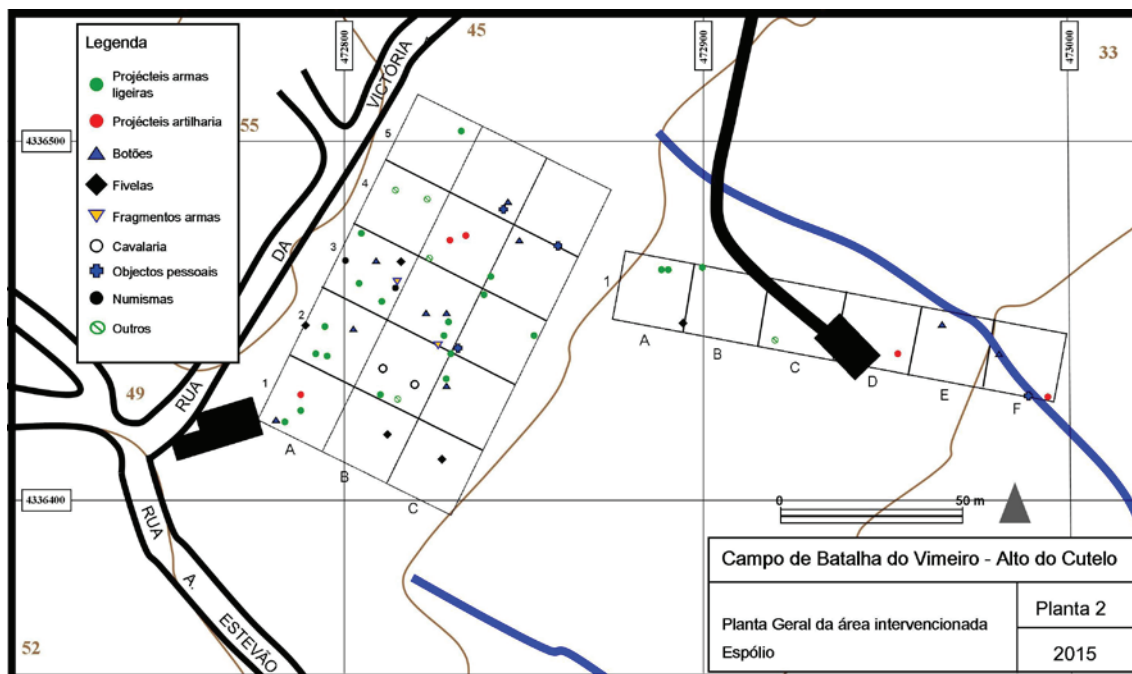


Figura 2 – Planta geral da área intervencionada.

área, com existência de zonas de maiores concentrações onde os combates terão sido mais intensos.

O espólio é geralmente constituído por artefactos metálicos. Este facto levou à escolha de uma sondagem geofísica com recurso a detetor de metais e posterior escavação localizada. Esta metodologia utilizada nos E.U.A. (Batalhas de *Little Big Horn*, *Monmouth*, *Budfords*, etc) e no Reino Unido (Batalhas de *Culloden*, *Bannockburn*, *Sedgemoor*, etc) tem permitido importantes resultados na localização de campos de batalha e no estudo das suas dinâmicas:

*“O método mais preciso de avaliar um sítio arqueológico é escavando quadrículas tipicamente com (...) 1m x 1m. Os solos são retirados com recurso a colherins e pás e a localização dos artefactos precisamente identificada. Este método não é prático devido às batalhas cobrirem grandes áreas. Um campo de batalha iria necessitar da escavação de milhares de quadrículas. (Sivilich, 2005)*

*“Um óbvio legado de uma batalha são as grandes quantidades de objetos metálicos perdidos. Dependendo do período da batalha, podem incluir pontas de flechas, pontas de lanças, espadas,*

*balas de mosquete, balas de canhão e outros projéteis, não falando das fivelas, botões e medalhas arrancadas dos uniformes durante o corpo-a-corpo. Qualquer estudo de um campo de batalha tem que incluir a recolha e registo desse material, e a forma mais prática de o fazer é com recurso ao detetor de metais” (Pollard & Oliver, 2002).*

A Batalha do Vimieiro é de uma tipologia de ação em campo aberto, não havendo alteração/adaptação do terreno com a construção de trincheiras, baluartes ou acampamentos fortificados<sup>8</sup>, não sendo metodologicamente prática a escavação em área.

A sinalização exata da posição de cada artefacto, através de vários terminais GPS<sup>9</sup> permitiu posteriormente em gabinete, a construção de um Sistema de Informação Geográfica (SIG). As conclusões resultantes da campanha basearam-se na leitura da batalha através da dispersão do espólio, sua funcio-

<sup>8</sup> Pelas descrições o local era protegido naturalmente por um Pinhal, que simultaneamente ocultava as tropas Luso-Britânicas.

<sup>9</sup> Acompanhada simultaneamente com a medição tridimensional na quadrícula.

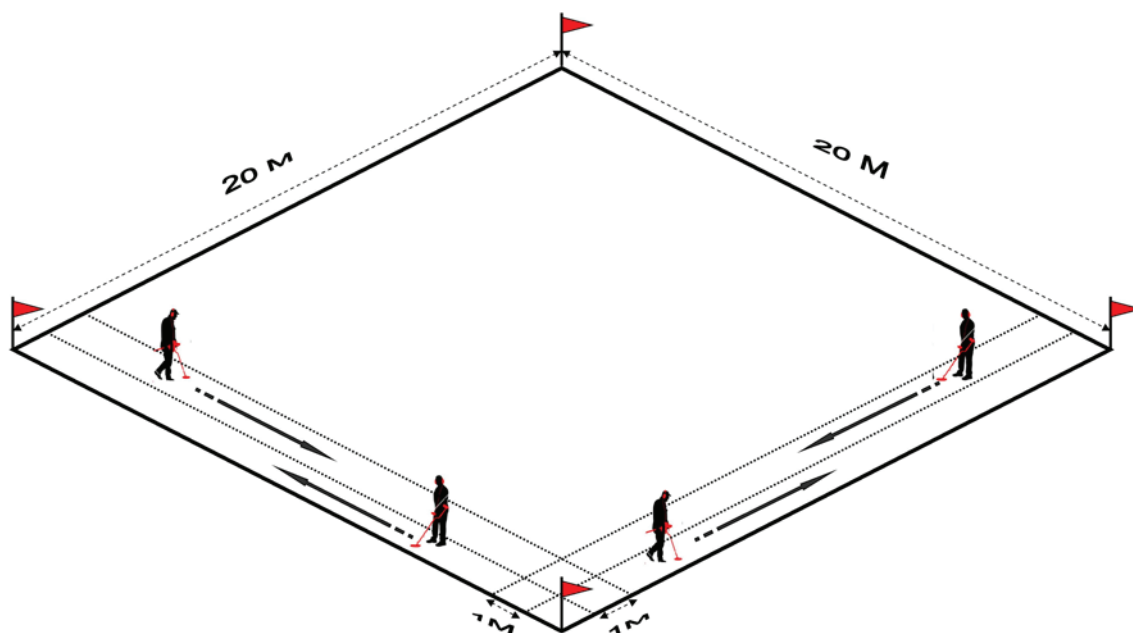


Figura 3 – Metodologia de aplicação prática do detetor de metais no Vimeiro.

nalidade e nação de origem do mesmo, sua relação com a topografia do terreno e correlação com as fontes históricas.

#### 4. TRABALHO DE CAMPO

A prospeção geofísica seguiu metodologia própria, de modo a percorrer a zona selecionada integralmente. Foram criados vários corredores dentro das quadrículas com 1m de largura, que permitiram uma prospeção linear com cruzamento permitindo uma dupla passagem (Figura 3). A prospeção beneficiou das condições do terreno que se apresentava apenas com um manto herbáceo rasteiro, quase idêntico a um relvado.

Embora com uma passagem intensa do detetor de metais, temos a plena noção pela experiência em trabalhos similares, da possibilidade de nem todos os artefactos serem identificados (Pollard, 2011). O detetor pode ser afetado pela profundidade dos alvos, pela humidade dos solos ou mesmo pela experiência do operador. Outro facto é a ação da maquinaria agrícola que revolve o terreno, fazem

do migrar artefactos para o fundo numa lavra e na seguinte trazendo-os mais à superfície. A estes aspetos soma-se a ainda a probabilidade da atividade de caça ao tesouro<sup>10</sup>.

Os possíveis alvos de interesse localizados pelo aparelho foram marcados através de bandeirolas, para posteriormente realizar-se, com todos os cuidados, a escavação dos mesmos.

Para tal foi construída uma caixa de metal para que a abertura de sondagens fosse limitada a uma área de 25cm x 30cm, de modo a obter sempre uma caixa de sondagem estandardizada. A escavação foi realizada da seguinte forma: primeiro a limpeza superficial do manto herbáceo em torno do alvo, seguida da colocação da caixa de sondagem e escavação do seu interior com recurso a colherim. Aquando da identificação dos alvos foram registadas as coordenadas com recurso a aparelhos GPS e medição métrica tridimensional.

Após serem postos a descoberto, os artefactos

<sup>10</sup> Esta atividade destrói por completo a informação arqueologia de um sítio.

foram alvo do protocolo de catalogação em campo. Juntamente com o espólio relacionado com os combates foram também identificados elementos de contaminação<sup>11</sup>, ou seja, lixos contemporâneos descartados no local.

## 5. O ESPÓLIO E SUA INTERPRETAÇÃO

Foram recolhidos um total de 55 artefactos durante o trabalho de prospeção na Colina do Vimeiro. Destes conjuntos 48 estão relacionados com a batalha, 5 deixam algumas dúvidas e 2 são numismas com cronologias posteriores ao acontecimento. Organizámos o espólio recolhido nas seguintes categorias: Projéteis de Armas Ligeiras (36,4%), Projéteis de Artilharia (9,1%), Botões (18,2%), Fivelas (9,1%), Fragmentos de Armas (3,6%), Cavalaria (3,6%), Objetos Pessoais (7,3%), Numismas (3,6%) e Outros (9,1%).

Os projéteis de armas ligeiras foram a categoria de artefactos com maior predominância, em total sintonia com os resultados de outras prospeções em campos de batalha modernos já mencionados. Curiosamente não havia notícia da recolha de achados fortuitos na área em estudo, por comparação, noutros locais haviam sido recolhidos “balde cheios de balas”<sup>12</sup>.

### 5.1. Projéteis de Armas Ligeiras

Foram recolhidos 20 projéteis (Figura 4), em chumbo, atribuíveis a armas de fogo ligeiras. Trata-se de balas esféricas, sendo visível em algumas, deformações provenientes do impacto e noutras, a ausência de indicação que tenham sido disparadas. Para o estudo do conjunto, procurou-se identificar os modelos das armas em serviço de ambos os lados,

<sup>11</sup> Não contabilizados no trabalho, por exemplo latas de conservas, caricas, fragmentos de alumínio, etc. Pensamos que podem ter acompanhado estrumes domésticos, ou simplesmente despejados devido à proximidade do casario.

<sup>12</sup> Um dos trabalhos desenvolvidos foi a identificação com os proprietários, dos locais onde tradicionalmente eram recolhidos artefactos. A recolha de projéteis era economicamente viável para a população do Vimeiro, muito ligada à pesca. Sendo os projéteis em chumbo, matéria-prima ideal para a transformação em chumbadas/pesos.

determinando os calibres, partindo para uma correspondência entre arma e munição disparada.

Consideram-se como armas ligeiras espingardas, carabinas, clavinas e pistolas por comparação com a categoria das armas pesadas – as peças de Artilharia. Tanto o exército Luso-Britânico como Francês tinham no seu arsenal armas de fogo de fecho de pederneira<sup>13</sup> com calibres estandardizados. Para os aliados a arma regulamentar principal era a espingarda de alma lisa *India Pattern* (vulgo *Brown Bess*), com um calibre de 19,06mm (Darling, 1970). Algumas unidades especiais britânicas tinham ao seu serviço a única arma de cano estriado a carabina Baker com calibre de 15,90mm. Os franceses tinham ao serviço a espingarda regulamentar de alma lisa *modèle 1777 corrigé an IX*, vulgo *Charville* (Silva & Regalado, 2010) com um calibre de 17,53mm.

A atribuição de uma proveniência para cada projétil é fundamental na arqueologia do campo de batalha moderno, pois sabendo-se “quem disparou”, pode-se identificar e delinear acontecimentos específicos em toda a extensão da ação.

Os trabalhos de arqueologia realizados em *Monmouth* (Sivilich, 2005) e *Buford's* (Butler, 2011) nos Estados Unidos da América e *Culloden* (Pollard, 2011) no Reino Unido permitiram apresentar estudos balísticos relacionados especificamente com estas armas, tendo como base a estandardização dos calibres.

Através da medição do peso dos projéteis é possível calcular o diâmetro original da bala e associá-la à arma que a disparou (Sivilich, 2005). A questão do cálculo do diâmetro é fundamental, visto que a grande maioria dos projéteis recolhidos, apresentam deformações resultantes quer do disparo como do impacto. Para tal foi por nós utilizada a fórmula matemática *Sivilich* (diâmetro em polegadas =  $0,223204 \times \text{peso em gramas}^{1/3}$ ), com base nas características específicas do chumbo, nas impurezas e bolsas de ar resultantes na sua fundição.

<sup>13</sup> Mecanismo onde ao premir o gatilho o cão movia uma pederneira contra a caçoleta criando faíscas e efetuando o disparo da arma.

Projéteis



CBV-AR1-A1-003



CBV-AR1-A1-004



CBV-AR1-A2-006



CBV-AR1-A2-007



CBV-AR1-A2-009



CBV-AR1-A3-011



CBV-AR1-A3-012



CBV-AR1-A5-020



CBV-AR1-B2-023



CBV-AR1-B2-026



CBV-AR1-B3-030



CBV-AR1-B3-031



CBV-AR1-C2-038



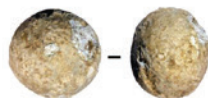
CBV-AR1-C3-040



CBV-AR1-C3-041



CBV-AR1-C4-043



CBV-AR2-A1-046



CBV-AR2-A1-047



CBV-AR2-B1-049



CBV-AR1-A3-015



Figura 4 – Projéteis de armas ligeiras.

**Metralha ou Lanterna**



CBV-AR1-B4-033



**Granada ou Bomba—Estilhaço**



CBV-AR1-A1-002



Figura 5 – Metralha e Fragmento de Granada.

Foi possível determinar que a maioria dos projéteis recolhidos correspondia a calibres de armas britânicas. Este facto parece corroborado com diversas descrições que apontam que no decorrer dos combates as linhas britânicas sustiveram os ataques franceses com superior poder de fogo<sup>14</sup>.

## 5.2. Projéteis de Artilharia

Foram recolhidos cinco artefactos relacionados com a artilharia, quatro fragmentos da carcaça (estilhaços) de bombas ou granadas explosivas e um projétil de metralha ou de lanterna. A metodologia de trabalho para o seu estudo iniciou-se com a identificação das peças de que haviam servido na batalha do Vimeiro, em especial as peças do trem de artilharia utilizadas no combate da Colina por britânicos e franceses.

Foram identificadas dois tipos de peças de artilharia: peças e obuses, sendo as primeiras o tipo mais comum, o que de grosso modo designamos por canhões e os obuses um tipo de peça muito mais curta, próprias para disparo de explosivos em trajetórias curvas<sup>15</sup>. O calibre das peças era designado pelo peso do projétil que disparavam em medida de libras e o calibre dos obuses era designado pelo diâmetro da “boca” medida em polegadas.

O exército Luso-Britânico destacou para a Colina do Vimeiro cerca de nove peças de artilharia: duas peças de 6 libras, cinco de 9 libras e dois obuses de 5<sup>1/2</sup> polegadas (Leslie, 1908). Por seu lado, os franceses utilizaram um número indeterminado de peças de 3, 4, 6 libras e obuses de 5<sup>1/2</sup> polegadas (Gurwood, 1835)<sup>16</sup>. Cada peça era acompanhada

---

<sup>14</sup> As tropas aliadas no alto da colina formadas em linha, rentabilizando um maior poder de fogo ao invés das formações de ataque francesas formadas em profundidade/coluna.

<sup>15</sup> Ideal para sobrepor muralhas ou neste caso colinas.

<sup>16</sup> O total de peças de artilharia francesas no Vimeiro era de vinte e três. Não sabemos exatamente quantas estariam na nossa área de investigação. A contar com as que já estariam em ação, o General Foy trouxe para o combate oito peças que estavam na reserva. Quanto aos calibres existem algumas diferenças nos relatos embora tenhamos seguido a indicação, dada por Sir Arthur Wellesley nos seus despachos, baseada nos calibres de peças capturadas.

por um carro de munições, que transportava além daquelas, pólvora e apetrechos de guerra puxados por um determinado número de animais de tiro. O alcance efetivo dependia do calibre da peça mas de uma forma geral rondaria os mil metros para os projéteis de bala sólida, bombas e granadas, e cerca de trezentos metros para metralha e lanterna.

Com base nas características técnicas e métodos de fabricação dos projéteis da época (McConnell, 1988) foi possível identificar, com recurso à reconstituição das curvaturas e espessuras originais, as armas que as dispararam. Os fragmentos correspondem a projéteis de 9 libras e obuses de 5<sup>1/2</sup> polegadas. A metralha (Figura 5) deverá ser parte de um conjunto de doze a trinta e quatro esferas compactadas num invólucro denominado *lanterna*<sup>17</sup>, sendo eficazes a curta distância contra densas formações de Infantaria. Estará relacionada, em nosso entender, com a artilharia aliada que disparou sobre o avanço Francês.

## 5.3. Armas

Foram recolhidos e identificados dois fragmentos de armas de fogo (Figura 6). Ambos em liga de cobre pertencem à espingarda regulamentar britânica *Brown Bess*. Durante as Guerras Napoleónicas foram produzidas enormes quantidades destas armas (Darling, 1970), não só para o Exército Britânico, bem como para os seus aliados, nos quais se incluía Portugal.

O primeiro corresponde a um fragmento de *guarda-mato* com um dos fixadores para integração na coronha de madeira e vestígios do passador em ferro para fixação da bandoleira. O segundo fragmento é de uma *contra platina* da espingarda. Servia para prender o fecho de pederneira à coronha recorrendo a dois parafusos. Podem ser resultado dos intensos combates corpo a corpo na colina<sup>18</sup>.

---

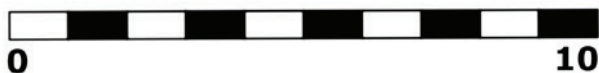
<sup>17</sup> Semelhante a uma lata de grão.

<sup>18</sup> A arma depois de “calada a baioneta” servia de lança/moca para o combate. A zona frágil do mecanismo é suscetível de se quebrar com o impacto. Por vezes explodiam no mecanismo por excesso de carga de pólvora.

Fragmento de Guarda-mato



CBV-AR1-A3-017



Contra-platina



CBV-AR1-B3-029



Figura 6 – Fragmentos de Espingarda Britânica *Brown Bess*.

## Botões Regulamentares Franceses



Figura 7 – Botões Regimentais Franceses.

## 5.4. Botões

Foram recolhidos dez botões em metal, relacionados com o fardamento militar das tropas envolvidas nos combates. Os botões faziam parte de todos os uniformes militares da época, misturando o cariz utilitário com o decorativo (Filipe, 2016). Encontram-se presentes nas casacas, polainas, coletes, calças e camisas interiores, embora estes últimos tivessem normalmente botões em osso ou madeira<sup>19</sup>. Os botões de uniforme eram em metal, normalmente liga de cobre, dourados ou prateados, dependendo da nacionalidade, patente ou arma.

A partir da segunda metade do século XVIII, de uma forma geral, os regimentos começaram a adotar

<sup>19</sup> No caso português botões de unha, fabricados a partir dos cascos de cavalos.

uma designação numérica e não de título (Latham, 2006), passando os botões a apresentar os respetivos números identificativos. Da amostra recolhida no Vimeiro foi possível identificar dois botões regimentais franceses, correspondendo aos Regimentos de Infantaria de linha 82º e 58º (Figura 7). Esta descoberta permitiu identificar estes dois regimentos no ataque à colina do Vimeiro. Foi ainda possível identificar três botões de origem britânica.

Um dos exemplares apresentava na face, vestígios do emblema da Ordem Britânica da Jarreteira ou do Cardo. Outros dois apresentavam marcas no anverso, correspondentes a fabricantes britânicos. Num destes foi mesmo possível identificar o nome *James Macgowan* (Figura 8), fornecedor de botões militares para o exército e marinha ingleses (Naylor, 1993).

## Botões



Figura 8 – Botões Britânicos com respetivas marcas de fabricante.

Curiosamente o botão francês do Regimento número 58 levantou a interessante questão de que, pelas fontes históricas, não participara na ação da colina. Uma leitura mais atenta permitiu verificar que o General Junot criou dois regimentos especiais com as companhias de granadeiros de todos os Regimentos de Infantaria presentes no seu Exército. Esta unidade de elevada capacidade de combate, visto os granadeiros serem a elite profissional, participou no ataque à colina do Vimeiro como última tentativa para quebrar as defesas aliadas.

### 5.5. Fivelas

Cada soldado estava equipado com cerca de dezanove fivelas, distribuídas pelo variado equipamento militar: barretina<sup>20</sup>, patrona<sup>21</sup>, mochila, talabarte<sup>22</sup>,

<sup>20</sup> Cobertura para cabeça.

<sup>21</sup> Bolsa em couro onde eram transportados os cartuchos das armas ligeiras.

<sup>22</sup> Cintas de couro que cruzavam no peito de modo a suspender a patrona, a baioneta e o sabre.

cantil, polainas, arreios, etc., e igualmente pelas exigências da moda da época: sapato ou bota, suspensão de meia ao calção no joelho, etc. A recolha de cinco exemplares (quatro de formato quadrangular) que, a par dos botões, demonstram uma área de destroço e de confusão resultante dos combates corpo-a-corpo.

Foi recolhido um fragmento de fivela correspondente a um elemento em forma de âncora. Trata-se provavelmente de uma fivela para segurar a meia e o calção na zona do joelho por meio de uma fita (Whitehead, 1996). Outra possibilidade seria para apertar as polainas na zona do joelho, de modo a não descaírem com o movimento, normalmente utilizados pelas tropas francesas (Haythornthwaite, 1983).

Todo este conjunto encontra paralelos com os exemplares identificados em Étapes-Sur-Mer, todos compatíveis com o período da Guerra Peninsular (Lemaire, 2010). Igualmente em Almeida podem ser vistos alguns exemplares sobreviventes da explosão da fortaleza em 1810 (Museu Histórico e Militar de Almeida).

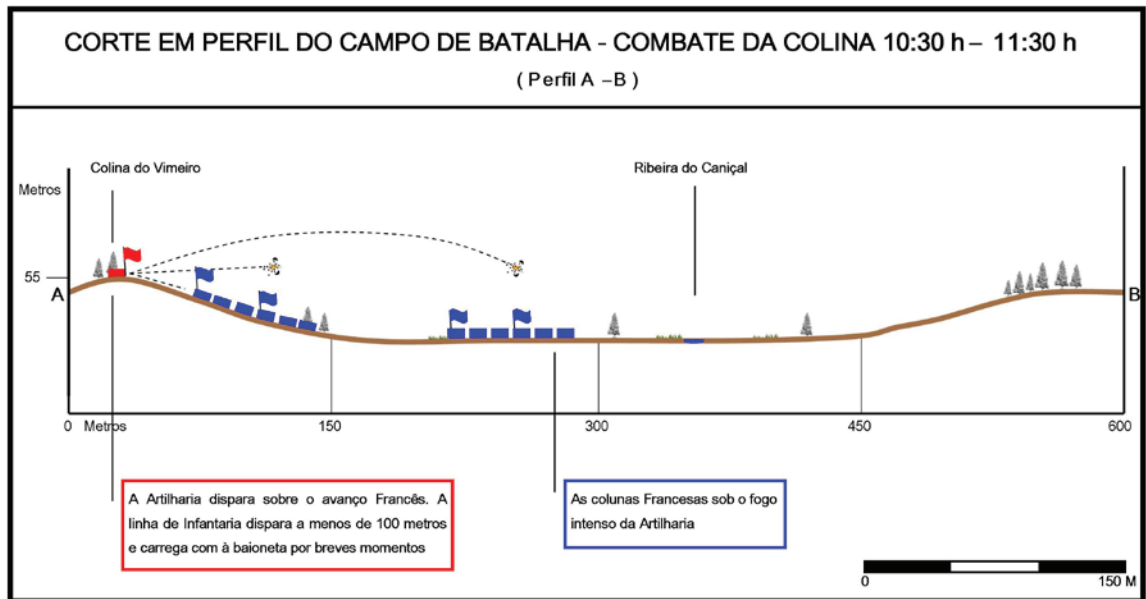


Figura 9 – Corte diacrónico da batalha com base nas fontes históricas e arqueológicas.

## 5.6. Objetos Pessoais

Foram recolhidos 4 artefactos que classificámos como objetos pessoais, relacionados com acessórios do soldado para a vivência do dia-a-dia.

Este grupo é constituído por parte de uma navalha, uma pequena medalha religiosa e dois fragmentos de talheres de mesa. O fragmento de navalha é composto por lâmina em ferro e chapas laterais em liga de cobre, sendo semelhante aos modelos civis/militares para o período em questão (Reid, 1997). A navalha era extremamente popular permitindo as mais variadas ações. Diversos exemplares idênticos foram recolhidos na escavação de Étaples-Sur-Mer (Lemaire, 2010).

A medalha religiosa em liga de cobre tem uma forma elíptica e pequenas dimensões (12,38mm x 7,67mm). A pequena argola de suspensão encontra-se partida e as imagens nas duas faces são ilegíveis. O aparecimento de artefactos religiosos encontra paralelos em outros sítios de conflito da época: Vilnius, na Lituânia (Signoli *et alii*, 2008), Waterloo, Bélgica (Bernard & Lachaux, 2005) e no acampamento de Étaples-Sur-Mer (Lemaire, 2010).

O fragmento de colher em liga de cobre parece apontar para uma cronologia dos finais do século

XVIII. Juntamente com o fragmento de garfo, em ferro, recolhido faria parte do equipamento do soldado embora consideramos que necessite de mais estudos quanto na relação da sua forma e o período em questão (Reid, 1997).

## 6. CONCLUSÕES

O espólio recolhido foi submetido ao estudo nas suas características particulares e na sua relação quanto à localização e espaço designado por campo de batalha. Esta constatação permitiu a confrontação dos dados recolhidos com as fontes documentais (testadas de uma forma crítica), de modo a identificar diferentes fases dos acontecimentos refutando-as, comprovando-as ou enriquecendo-as com a informação arqueológica.

A informação recolhida permite apontar em primeiro lugar, para a localização dos combates na colina. A concentração de artefactos nos últimos 50 metros do topo aponta para um cenário de intensa violência.

Esta avaliação arqueológica parece comprovar a tática de Wellington: permitir aos franceses avançar sobre a colina dando-lhes falsa impressão da faci-

lidade da tomada da mesma. Nesta ascensão, as formações francesas foram sendo atingidas pela artilharia<sup>23</sup> e atiradores especiais. Nos últimos 50 metros o grosso das tropas britânicas, até ao momento ocultas em contra costa, surgiram e surpreenderam os franceses com salvas de espingarda (Figura 9).

Por outro lado, para uma melhor rentabilização das espingardas à época, no que diz respeito ao acerto no alvo, tornava a distância de 50 metros ideal para causar o máximo de estrago.

Estas evidências são baseadas na quantidade de projéteis de origem inglesa recolhidos: as fontes históricas indicam que após uma/duas salvas, os britânicos carregaram à baioneta, enfrentando a vanguarda francesa. Esse cenário de combate *corpo a corpo* é comprovado pela arqueologia com a concentração de destroço na ÁREA 1, área de choque entre os dois exércitos. Botões, fivelas, objetos pessoais e armas partidas ilustram a violência do impacto e duelo pela posição.

Em suma, a investigação arqueológica no Vimeiro permitiu responder aos objetivos propostos. Foi possível localizar a batalha, mais concretamente a fase da batalha da colina e perceber volvidos duzentos anos, a sua dinâmica. O trabalho de investigação continua.

## AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento à revista *Al-Madan* e ao Dr. Jorge Raposo pela publicação da primeira abordagem deste tema com o título *Balas, Botões e Fivelas: intervenção arqueológica no Campo de Batalha do Vimeiro* (Filipe, 2016). Agradecimentos também à Doutora Rosa Varela Gomes, Dr.ª. Conceição Rodrigues Ferreira, Dina Spencer, Dr. Nuno Pires, Dr. António Branco, Jorge Ferreira, Dr. Jorge Gradão, Maria Guerreiro e Arquiteta Márcia Pires.

## BIBLIOGRAFIA

BERNARD, Gilles; LACHAUX, Gérard (2005) – *Waterloo, Les Reliques*. Paris: Histoire et Collections.

BUTLER, Scott (2011) – *Metal Detector Survey and Battlefield Delineation of the Buford's Massacre (Waxhaws) Revolutionary War Battlefield, SC Route 9 and SC Route 522 Intersection Improvements*. Columbia: South Carolina Department of Transportation.

DARLING, Anthony (1970) – *Red Coat and Brown Bess*. Ottawa: Museum Restoration Service.

FILIFE, Rui Ribolhos (2015) – Botões de Uniforme da Guerra Peninsular: Contributo para o estudo dos Botões Militares – Parte II – Botões Portugueses, Britânicos, Espanhóis e Franceses. *Te-lheiras Cadernos Culturais*, 8 – 2.º Série, pp. 126-133.

FILIFE, Rui Ribolhos (2016) – Balas, Botões e Fivelas: Intervenção Arqueológica no Campo de batalha do Vimeiro. *Al-Madan Online.*, 20:2, pp. 101-105. Disponível em linha: <http://www.almadan.publ.pt/Último> [Consult. 31 Abril 2016].

GURWOOD, Colonel (1835) – *The Dispatches of Field Marshal the Duke of Wellington, K.G.* London: John Murray Albemarle Street.

HAYTHORNTHWAITE, Philip (1983) – *Napoleon's Line Infantry*. London: Osprey Publishing Ltd.

LATHAM, Robert (2006) – *Discovering British Military Badges and Buttons*. Buckinghamshire: A Shire Book.

LEMAIRE, Frédéric (2010) – *Le Matériel du Camp Napoléonien 1803-1805 – Rapport de Opération de Fouille Préventive*. Paris: INRAP.

LESLIE, John (1908) – *The Services of the Royal Regiment of Artillery in The Peninsular War 1808 to 1814*. London: Hugh Rees Limited.

MCCONNELL, David (1988) – *British Smooth-bore Artillery*. Ontario: National Historic Parks and Sites.

NAYLER, Peter (1993) – *Military Button Manufacturers from the London Directories 1800-1899*. Ontario. Archaeological Services, National Historic Sites.

POLLARD, Tony (2011) – *Culloden – The History and Archaeology of the Last Clan Battle*. South Yorkshire: Pen and Sword.

POLLARD, Tony; OLIVER, Neil (1997) – *Two Men in a Trench. Battlefield Archaeology, The Key to Unlocking the Past*. London: Penguin Books.

REID, Stuart (1997) – *British Redcoat (2) 1793 – 1815*. London: Osprey Publishing.

SIGNOLI, Michel; VETTE; Thierry; DUTOUR, Olivier; ARDAGNA, Yann (dir.) (2002) – *Les Oubliés de La Retraite de Russie, Vilna 1812-Vilnius 2002*. Paris: Éditions Historiques Teissèdre.

<sup>23</sup> Comprovados pelo espólio desta tipologia.

SILVA, José António; REGALADO, Jaime Ferreira (2010) – *Armamento Ligeiro da Guerra Peninsular 1808-1814*. Porto: Fronteira do Caos Editores.

SIVILICH, Daniel M. (2005) – Evolution of Macro-Archaeology of the Battle of Monmouth – 1778 American Revolutionary War. *Battlefields Annual Review*. South Yorkshire: Pen and Sword, pp. 7-20.

WHITEHEAD, Ross (1996) – *Buckles 1250-1800*. Essex: Greenlight Publishing.



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2020

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)